

Sergio Camargo

Archival images and documentation

Courtesy Instituto de Arte Contemporânea, Brazil





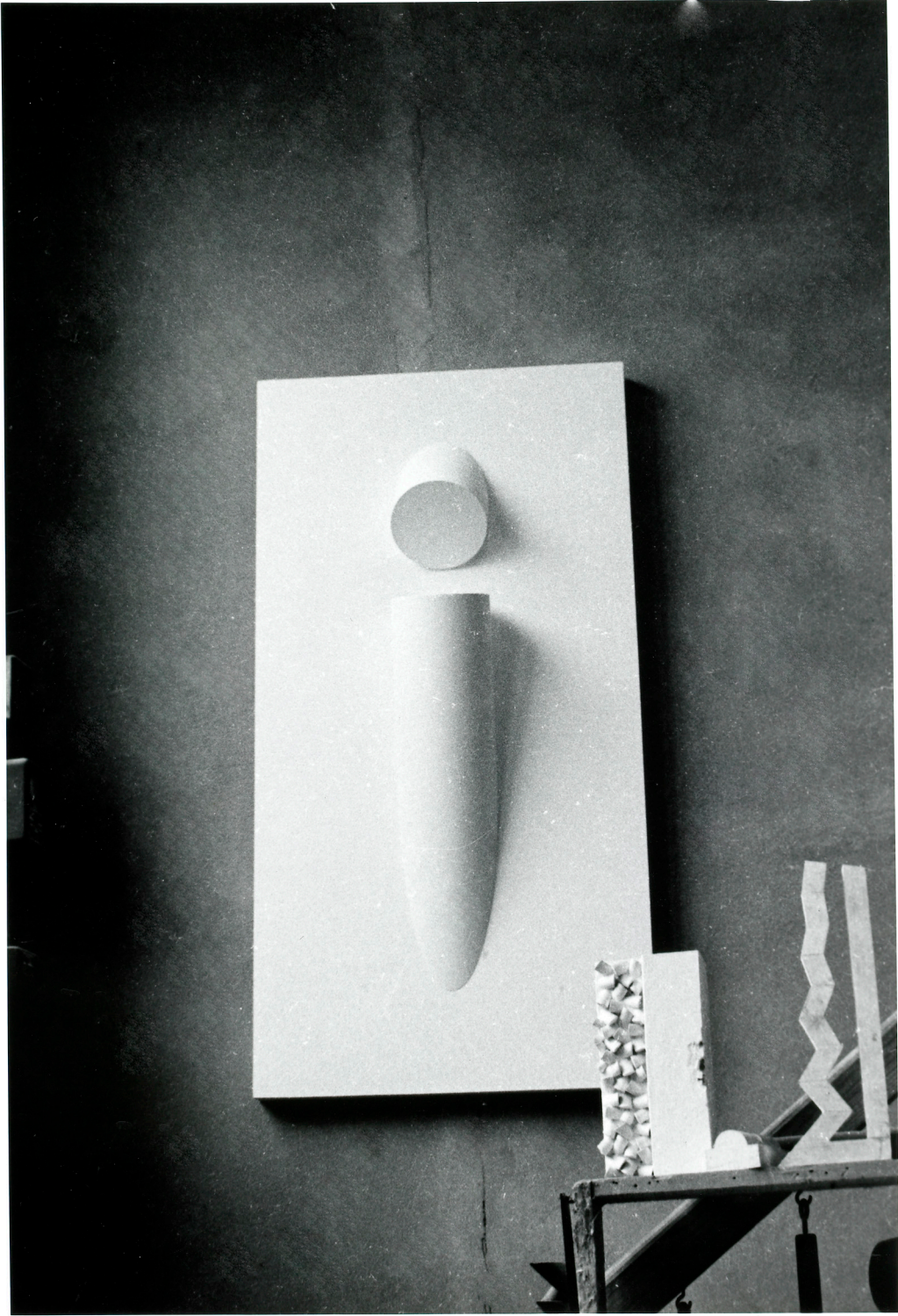




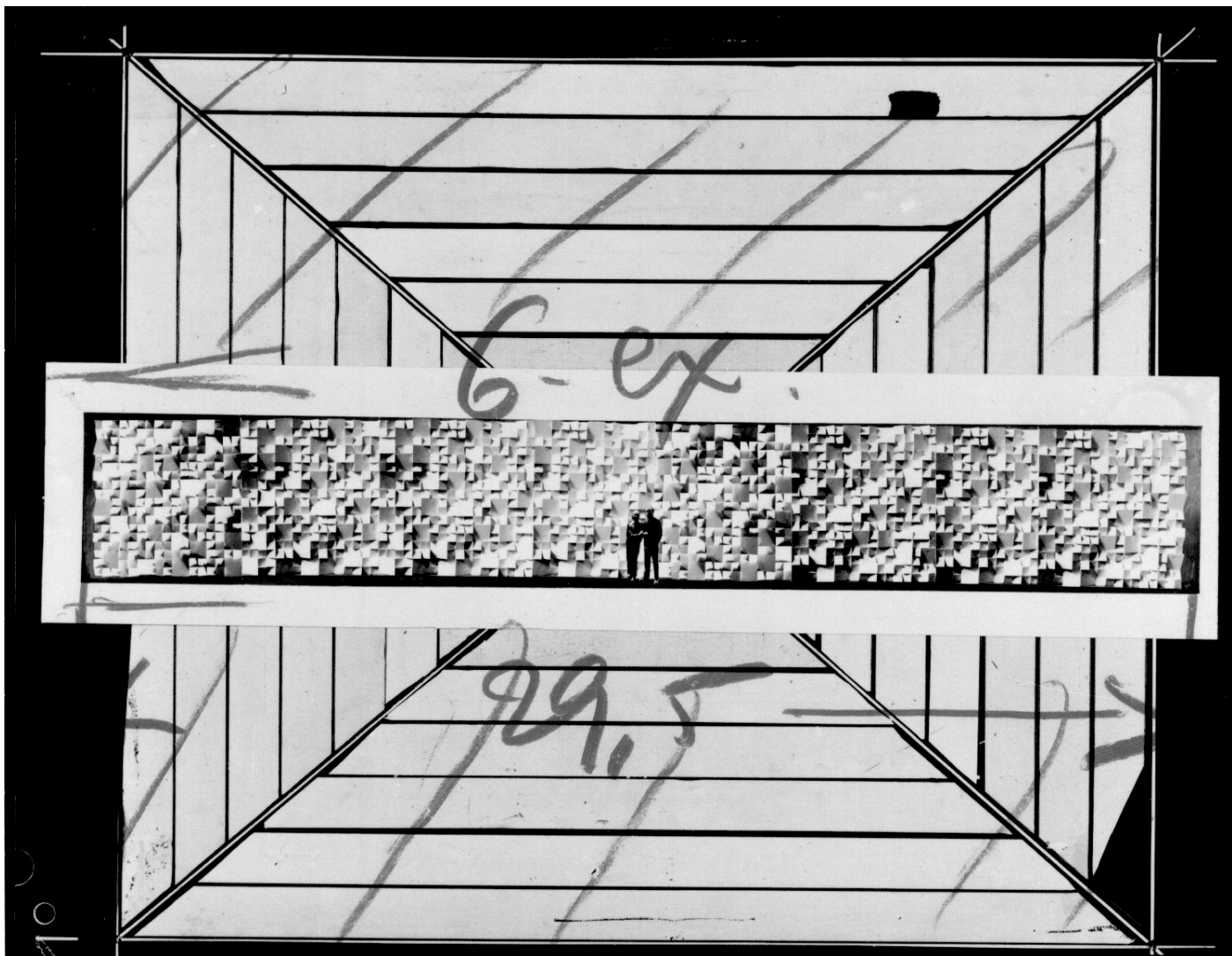
















SIGNALS

NEWSBULLETIN OF
SIGNALS LONDON
39 WIGMORE ST
LONDON, W1 2JG
VOL 1 NO 5 DEC 1964 - JAN 1965

DIRECTOR:
PAUL KEELER

EDITOR:
DAVID MEDALLA

ASSISTANTS TO PAUL KEELER:
ANTHONY DE KERDREL
CHRISTOPHER WALKER

**SIGNALS LONDON IS A
NON-PROFIT
ORGANIZATION
DEDICATED TO THE
ADVENTURES OF
THE MODERN SPIRIT**

PATRONS:

CARESSE CROSBY
VISCOUNT & VISCOUNTESS
ESHER

SIR JOHN ROTHENSTEIN
MR & MRS CHARLES H. KEELER
MRS H. D. MOLESWORTH
MR ROLAND PENROSE
MR FRANK POPPER
MR FRANK AVRAY WILSON



CUMULO-NIMBUS CLOUDS

← WOOD RELIEF BY
CAMARGO

Photo: Clay Perry

As rosas que eu colho
Nao soa essas, frementes
Na iluminaçao da manha;
S o, se as colho, as dum jardim
contrário,
Nascido d'esses, vossos, de sua terrosa
Raiz, mas crescido inverso
Como a imagem n'agua;
Aonde nao chegam os pássaros
Com o seu roubo, no exasperado
coraçao, da terra,
Floresce, tigre, isenti de odor.

Poema de
Ferreira Gullar

do livro 'La luta Corporal'

Movement in art: real and illusory

The movement of the onlooker is also important to the work of Camargo, whose white-painted wood sculptures are now on show at the new kinetic gallery, Signals London, in Wigmore Street. Camargo uses wooden rods and cubes which stick out from a white background (nearly all his work is white) in whorls or are arranged in mathematical patterns. Sometimes the appearance is rather reminiscent of the inside of a shark's mouth or of a snail's tongue, though Camargo's sculpture is wholly abstract. The changes in the way in which light is reflected from these blinding, cut-up white surfaces, as the observer moves around, are what give this work its special quality.

The use of "scientific" forms in art is due partly to straightforward fascination with the exciting shapes that science uses or reveals, and partly also to a desire to reduce visual communication to its structural elements, which tend to contain at least some element of geometry and of the machine.

Arte brasileño

Londres, Diciembre 28
(AFP)

El arte contemporáneo brasileño ocupará primerísimo lugar en la actualidad artística de Londres, a principios de 1965.

En efecto, el escultor brasileño Camargo, que ganó en 1963 el Premio Internacional de Escultura en la bienal de París, inaugurará mañana en la galería "Signals London", de Londres, su primera gran exposición, que durará hasta fines de enero.

Camargo, que reside actualmente en Francia, prepara asimismo exposiciones para el Museo de Arte de Río y para el Museo de Bellas Artes de Caracas.

Por otra parte, en febrero próximo, tendrá lugar en el "Royal College Of Arts" la más importante y significativa exposición de arte brasileño presentada en Europa desde la guerra. Esta exposición, que será organizada bajo los auspicios del gobierno brasileño y del "British Council" agrupará a unas doscientas obras —grabado, dibujo y pintura— que ofrecerán "un corte transversal de las actividades artísticas del Brasil de nuestros días", según indicó uno de los organizadores de la exposición, el crítico brasileño de arte Marco Berkowitz.

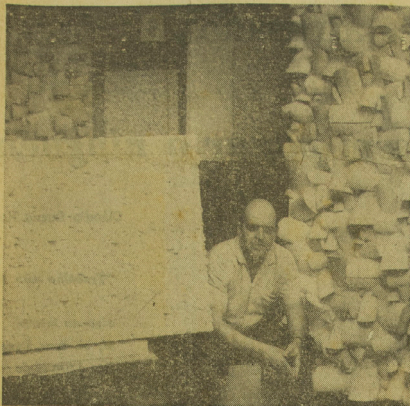
Las dos indicadas exposiciones brasileñas —de una amplitud sin precedentes en el viejo continente, harán de Londres, a principios de 1965, el centro de divulga-

LA REPUBLICA
Caracas, Martes 29 de Diciembre de 1964

ITINERARIO DAS ARTES PLASTICAS

JAYME MAURICIO

Artistas brasileiros de Paris



O escultor patricio Sérgio Camargo, cujos relevos, na seqüência de Krajchberg e Piza, encontram o mais vivo interesse nos centros europeus de arte. Sérgio vem expor no Museu de Arte Moderna do Rio. No clichê, algumas variações dos relevos em foto no atelier do escultor

O crítico de artes José Augusto França, português radicado em Paris, focaliza não somente os artistas brasileiros ora realidades naquela cidade, mas também nos dá um retrospecto do que tem sido a arte brasileira em Paris, desde quando "Portinari e Di Cavalcanti fazem a companhia de Montmartre, durante a primeira grande guerra mundial". Depois, em 1966, na Galeria Charpenier, aparece Portinari. "Os críticos e os diretores de museus parisienses, sobrados pelos acontecimentos recentes, saudavam na pessoa de Portinari um Brasil sócio-político no qual passava o espírito ora lírico, ora demagógico da fome e da revolta. Entretanto, dez anos mais tarde o mesmo Portinari não obtinha em Paris tanto sucesso; sua hora havia passado". Outros pintores brasileiros se impunham e um deles "Antônio Bandeira, artista de valor, que foi durante um certo tempo uma figura inseparável do cenário das noites alucinadas de Saint Germain-des-Près". Falamos ainda que em 1950, Estienne e Degand, saudavam a pintura de Cicero Dias, então ligado ao grupo "Espôvo".

Acha o crítico que na realidade os "brasileiros de Paris" só começaram a ter um papel importante no cenário das artes plásticas a partir de 1950. Eles não são tão numerosos, muito menos do que artistas de outros países da América Latina e Venezuela. Mas não deixam de refletir um grau mais avançado da vida artística, demonstrado pelo mercado interno do Brasil que a Bienal de São Paulo auxilia notavelmente desde 1950.

"Os brasileiros de Paris — diz José Augusto França — provêm de horizontes diversos, pertencendo a raças diferentes: têm nomes portugueses, japoneses, eslavos, alemães, espanhóis. E por isso mesmo refletem o estado dinâmico que apresenta a arte brasileira, mistura extraordinária de gostos, de culturas, de valores."

E depois de considerar os problemas que atingem os artistas fora de seu país, chama atenção para Krajchberg, Sítro e Cicero Dias como pintores e para Sérgio Camargo como escultor. Falamos dos artistas brasileiros radicados em Paris: Nelmia Guerreiro e Sérgio Campos Melo, "cujas qualidades pictóricas devem ser respeitadas"; de Sônia Ebling "com suas formas circulares tratadas de maneira expressiva"; de Luisa Müller "que desenvolve, com elegância, formas polidas animadas por impulsos espontâneos". "Linha tem seu atelier de inverno aqui (em Paris), de onde saem peças sugestivas no tratamento brutal dos materiais". Falamos de Mary Vieira que, residente na sua escultura "cuja perfeição geométrica combina com valores mágicos"; de Almir Mavignier, que "continua em Ullin, uma obra pictórica iniciada em Paris em 1952". Diz sobre Manabu Mabo, laureado pela Bienal de Paris "nunca saiu de seu país, mas não o impede de expor regularmente na Galeria Leão de Siqueira sua pintura que é um misto de dopura e de crueldade". Fala de Flexor, que retornou a Paris depois de ter passado algum tempo no Brasil, "onde exerceu uma influência considerável no desenvolvimento da arte abstrata".

Outra exposição mencionada por José Augusto França é de Arnaldo Pedroso d'Horta, "um dos mestres da gravura no

Brasil". "Piza, declara o crítico português, "artista de Paris. Seus mosaicos, pequenos quadriláteros em cartão reunidos na superfície de um quadro, colocam o problema de uma técnica milenar."

Krajchberg, Dias e Camargo trilham caminhos muito diferentes mas nos oferecem aproximações do real cheias de ambigüidade. Essa espécie de "mistura" calculando em baixos relevos de gesso ou sobre rochedos naturais, o sentido "estético" do mundo em Dias, o jogo informal de uma simulação lírica e agressiva da natureza que a escultura de Camargo nos dá, constituem caminhos que tentam penetrar no coração do real, aproveitando-se dele."

Grande é o entusiasmo de José Augusto França (entusiasmado naturalmente compreensivo e louvável) por Krajchberg, que dele tem merecido outros artigos. Sobre Sérgio Camargo, diz ainda: "É provavelmente um dos jovens escultores de Paris que mais promete. Ele é também um "brasileiro de Paris".

O artigo do crítico português termina declarando: "Deixei para o fim o nome de um pintor que, brincando com as sutilezas da "bona figuracao" se situa esteticamente muito longe dos outros do gênero: Flávio Sítro. Confesso que fiz de propósito, porque nesse pintor que nasceu e se formou, se marca de seu passado tropical misturado com um sentido apassionado do "gesto" duro e rápido como um golpe de sabre, falamos ainda e por sua vez (de maneira emblemática, diríamos) das florestas da Amazônia e do Brasil."

Arquitetura: premiação anual

Foi prorrogado até o dia 16 do corrente o prazo para remessa dos trabalhos concorrentes à Premiação Anual do Instituto de Arquitetos do Brasil, departamento da Guanabara. Caso a data caia num sábado, domingo ou feriado, será transferida para o primeiro dia útil subsequente. Por interessar a nós, vamos, cuja exposição foi realizada num matutino carioca, em 1963. O objetivo é destacar obras construídas e projetos em categorias de habitação familiar, habitação coletiva, edifício para fins comerciais, para fins industriais, para fins educacionais, para fins culturais, esportivos ou recreativos, para fins de saúde, religiosos ou fins cívicos sobre os itens acima. Os prêmios honoríficos, sendo entregues aos vencedores diplomas diversos. Eventualmente, poderão ser aceitos copatrocinadores conferindo recompensa material.

Todas concorrer: projetos e obras construídas de Planejamento Urbano e Regional; obra construída em Paisagismo; obra construída em Arquitetura Interiores; peça executada em Desenho Industrial. Adicional à Arquitetura, trabalhos escritos sobre assuntos relativos à sala, crítica, reportagem e trabalhos diversos que não se enquadram nos itens acima.

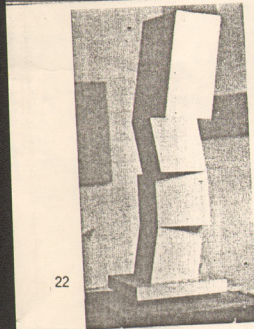
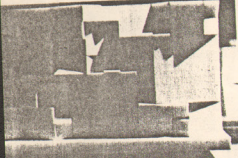
Maiores informações deverão ser obtidas na sede do IAB-DG, Av. Rio Branco, 277, grupo 1.201.

ARTES PLÁSTICAS

CANSADO DE SER ESTRANGEIRO EM PARIS, O ESCULTOR
SÉRGIO CAMARGO
VIVE FELIZ, AGORA, EM JACAREPAGUÁ. ELE É UM DOS RAROS
ARTISTAS BRASILEIROS COTADOS NO EXTERIOR. EM DÓLAR



Sérgio acha que falar em arte é uma gagueira. Mas fala. E filósofo, recomendando que, diante do fato plástico, o melhor é o vácuo verbal.



Os computadores consertaram o braço emperrado do laboratório Vicking em Marte. Também acenderam, via satélite, a tocha olímpica. Mas ainda não foram capazes de resolver as equações plásticas da arte de Sérgio Camargo. E, no entanto, quando se olha, reolha, pensa e repensa as esculturas desse famoso artista brasileiro, tem-se a impressão de que a geometria passou por ali, em cálculo integral, naquela base einsteiniana de que o universo é finito. Falando mais claro, a gente é levado a imaginar que, com régua e compasso, pode fazer a mesma coisa chegar às mesmas soluções de forma e espaço.

Em Niterói, pelo menos, os programadores de um centro de computação (com perdão da má palavra) tentaram a experiência e fracassaram.

"Pra mim, até que é simples — diz Camargo. — Apanho sólidos geométricos e vou compondo combinações até obter o que me parece bom, expressivo, bonito. Nada mais. Não quero transmitir nada. Apenas faço."

Nascido no Rio, mas parisiense por vocação, Sérgio Camargo é um homem alto e saudável que mora numa enorme chácara em Jacarepaguá. Cercado de árvores e isolado num funcionalíssimo ateliê construído por Zanine, ele trabalha em silêncio, pensando mais nos seus colecionadores londrinos ou americanos do que nas galerias de Ipanema e São Paulo.

"Foi na Europa que tudo começou — relembra ele. — Eu estudava filosofia na Sorbonne mas passava a maior parte do tempo no Louvre e nas galerias de arte. Freqüentava mais os artistas que os filósofos. E foi assim que conheci Arp, Vantongerla, Brancusi e tantos outros. Mas foi Brancusi quem mais me impressionou. O velho me recebeu de tamancos e com uma meia de mulher na cabeça.

Cada peça de Sérgio é um desdobramento que só lhe satisfaz depois de esgotadas as possibilidades de transformação. Londres e Nova Iorque adoram.

Gentilíssimo na minha primeira visita, chateou-se com a segunda, perguntando, de cara: Você está pensando que isso aqui é botequim? E me botou na rua. Mas dois dias mais tarde eu lá estava de volta e ele teve que me aturar umas 30 vezes.

Você falava o que com ele? Perguntava muito? Discutia?

"Absolutamente. Eu procurava incomodar o mínimo, conversando sobre tudo, exceto sobre arte. O importante, para mim, era absorver a experiência dos grandes artistas para melhor entender o que faziam. Sempre aprendi muito com as pessoas. A arte não existe por si mesma. Ela é uma interpretação inteligente das coisas, algo muito sutil que emana das coisas e que a gente tem que saber captar. É por isso que as chamadas *peças artes* (e a arte acadêmica, principalmente) constituem um verdadeiro bloqueio."

A arte é uma atividade superinteligente?

"Eu diria que é uma maneira especial de respirar."

Voce aprendeu essa arte simplesmente olhando, observando?

"Pera aí. Depois da filosofia, eu tentei o Direito com D maiúsculo, mas também não fui longe. Havia de tudo nos meus planos, menos a escultura. Acho que, na verdade, ela estava escondida dentro de mim, desde os tempos em que, morando com meus pais na Argentina, eu visitava a Academia Altamira, que ficava na esquina da nossa rua. Mas quando me decidi, houve um esgarçado na família. Eu vivia na Europa com a mesada que papai me mandava. E ele achava que esse negócio de arte era pura malandragem. Então, fiz um retrato dele para provar que sabia, realmente, ser artista."

Ele gostou do retrato? Retrato ou busto?

"Busto. Figurativíssimo! Meu pai se deu por vencido e eu fui adiante, até que, impressionado com as obras de Kandinsky, mergulhei no abstracionismo. Era a busca da terceira dimensão, da quarta, da

quinta. Mas para sustentar minhas experiências, eu tinha que realizar trabalhos paralelos. Fiz corretagem de imóveis, organizei jardins e muitas outras coisas. Era um jeito de deixar minha arte fora, ou melhor, longe do comércio. Eu seria capaz de fazer qualquer negócio, desde que ficasse independente em arte."

Não era possível viver só da escultura?

"Isso é perfeitamente possível, mas é uma loteria. Eu acertei no milhar, depois de muita luta e sofrimento."

No começo, Sérgio Camargo realizava suas peças em madeira pintada de branco. Hoje, ele trabalha com mármore de Carrara sem polimento.

Seu elemento-base é um cilindro lancetado que permite a formação de relevos e formas. Suas esculturas são um desdobramento de si mesmas e ele só se dá por satisfeito quando sente que todas as possibilidades de transformação já foram esgotadas.

"Nem sempre o resultado obtido é aquele que eu pretendia ao começar o trabalho. Não é como modelagem. Organizo suítes, continuações, desenvolvimentos. Duplico, estico, encolho, giro as peças até encontrar o movimento certo, satisfatório."

Você gosta de falar sobre a sua arte?

"Claro que não. Tanto assim que até nos meus folhetos recomendo, diante do fato plástico, o vácuo verbal. Falar sobre arte me lembra uma conversa de gogos. É uma gagueira!"

Quem compra suas obras? Que tipo de gente?

"São os *marchands* internacionais que vendem. No mundo inteiro. Agora, quem compra? Museus, colecionadores, empresas. Isso me obriga a expor no exterior com alguma freqüência. É um trabalho terrível."

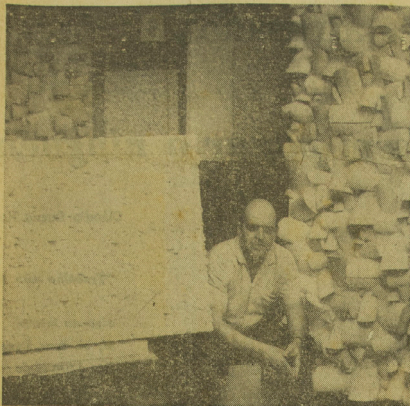
Os preços são em dólares?

"É a moeda de cálculo internacional. Na verdade, eu não cuido disso. Não penso muito em dinheiro. Ele é uma consequência. É o prêmio daquela

ITINERARIO DAS ARTES PLASTICAS

JAYME MAURICIO

Artistas brasileiros de Paris



O escultor patricio Sérgio Camargo, cujos relevos, na seqüência de Krajchberg e Piza, encontram o mais vivo interesse nos centros europeus de arte. Sérgio vem expor no Museu de Arte Moderna do Rio. No clichê, algumas variações dos relevos em foto no atelier do escultor

O crítico de artes José Augusto França, português radicado em Paris, focaliza não somente os artistas brasileiros ora realidades naquela cidade, mas também nos dá um retrospecto do que tem sido a arte brasileira em Paris, desde quando "Portinari e Di Cavalcanti fazem a companhia de Montmartre, durante a primeira grande guerra mundial". Depois, em 1966, na Galeria Charpenier, aparece Portinari. "Os críticos e os diretores de museus parisienses, sobrados pelos acontecimentos recentes, saudavam na pessoa de Portinari um Brasil sócio-piutresco no qual passava o espírito ora lírico, ora demagógico da fome e da revolta. Entretanto, dez anos mais tarde o mesmo Portinari não obtinha em Paris tanto sucesso; sua hora havia passado". Outros pintores brasileiros se impunham e um deles "Antônio Bandeira, artista de valor, que foi durante um certo tempo uma figura inseparável do cenário das noites alucinadas de Saint Germain-des-Près". Falamos ainda que em 1950, Estienne e Degand, saudavam a pintura de Cicero Dias, então ligado ao grupo "Espôvo".

Acha o crítico que na realidade os "brasileiros de Paris" só começaram a ter um papel importante no cenário das artes plásticas a partir de 1950. Ela não são tão numerosos, muito menos do que artistas de outros países da América Latina e Venezuela. Mas não deixam de refletir um grau mais avançado da vida artística, demonstrado pelo mercado interno do Brasil que a Bienal de São Paulo auxiliou notavelmente desde 1950.

"Os brasileiros de Paris — diz José Augusto França — provêm de horizontes diversos, pertencendo a raças diferentes: têm nomes portugueses, japoneses, eslavos, alemães, espanhóis. E por isso mesmo refletem o estado dinâmico que apresenta a arte brasileira, mistura extraordinária de gostos, de culturas, de valores."

E depois de considerar os problemas que atingem os artistas fora de seu país, chama atenção para Krajchberg, Sítro e Cicero Dias como pintores e para Sérgio Camargo como escultor. Falamos dos artistas brasileiros radicados em Paris: Nelmia Guerreiro e Sérgio Campos Melo, "cujas qualidades pictóricas devem ser respeitadas"; de Sônia Ebling "com suas formas circulares tratadas de maneira expressiva"; de Luisa Müller "que desenvolve, com elegância, formas polidas animadas por impulsos espontâneos". "Linha tem seu atelier de inverno aqui (em Paris), de onde saem peças sugestivas no tratamento brutal dos materiais". Falamos de Mary Vieira que, residente na sua escultura "cuja perfeição geométrica combina com valores mágicos"; de Almir Mavignier, que "continua em Ullin, uma obra pictórica iniciada em Paris em 1952". Diz sobre Manabu Mabo, laureado pela Bienal de Paris "nunca saiu de seu país, mas não o impede de expor regularmente na Galeria Leãocho sua pintura que é um misto de dopura e de crueldade". Fala de Flexor, que retornou a Paris depois de ter passado algum tempo no Brasil, "onde exerceu uma influência considerável no desenvolvimento da arte abstrata".

Outra exposição mencionada por José Augusto França é de Arnaldo Pedroso d'Horta, "um dos mestres da gravura no

Brasil". "Piza, declara o crítico português, "artista de Paris. Seus mosaicos, pequenos quadriláteros em cartão reunidos na superfície de um quadro, colocam o problema de uma técnica milenar."

Krajchberg, Dias e Camargo trilham caminhos muito diferentes mas nos oferecem aproximações do real cheias de ambigüidade. Essa espécie de "mistura" calcando em baixos relevos de gesso ou sobre rochedos naturais, o sentido "estético" do mundo em Dias, o jogo informal de uma simulação lírica e agressiva da natureza que a escultura de Camargo nos dá, constituem caminhos que tentam penetrar no coração do real, aproveitando-se dele."

Grande é o entusiasmo de José Augusto França (entusiasmado naturalmente compreensível e louvável) por Krajchberg, que dele tem merecido outros artigos. Sobre Sérgio Camargo, diz ainda: "É provavelmente um dos jovens escultores de Paris que mais promete. Ele é também um "brasileiro de Paris".

O artigo do crítico português termina declarando: "Deixei para o fim o nome de um pintor que, brincando com as sutilezas da "bona figuracao" se situa esteticamente muito longe dos outros do gênero: Flávio Sítro. Confesso que fiz de propósito, porque nesse pintor que vive e trabalha em Paris, se marca de seu passado tropical misturado com um sentido apassionado do "gesto" duro e rápido como um golpe de sabre, falamos ainda e por sua vez (de maneira emblemática, diríamos) das florestas da Amazônia e do Brasil."

Arquitetura: premiação anual

Foi prorrogado até o dia 16 do corrente o prazo para remessa dos trabalhos concorrentes à Premiação Anual do Instituto de Arquitetos do Brasil, departamento da Guanabara. Caso a data caia num sábado, domingo ou feriado, será transferida para o primeiro dia útil subsequente. Por interessar a nós, vamos, cuja exposição foi realizada num matutino carioca, em 1963. O objetivo é destacar obras construídas e projetos em categorias de habitação familiar, habitação coletiva, edifício para fins comerciais, para fins industriais, para fins educacionais, para fins culturais, esportivos ou recreativos, para fins de saúde, religiosos ou fins cívicos sobre os itens acima. Os prêmios honoríficos, sendo entregues aos vencedores diplomas diversos. Eventualmente, poderão ser aceitos copatrocinadores conferindo recompensa material.

Todas concorrer: projetos e obras construídas de Planejamento Urbano e Regional; obra construída em Paisagismo; obra construída em Arquitetura Interiores; peça executada em Desenho Industrial. Adicional à Arquitetura, trabalhos escritos sobre assuntos relativos à sala, crítica, reportagem e trabalhos diversos que não se enquadram nos itens acima.

Maiores informações deverão ser obtidas na sede do IAB-DG, Av. Rio Branco, 277, grupo 1.201.

O verde do Rio vem de Jacarepaguá

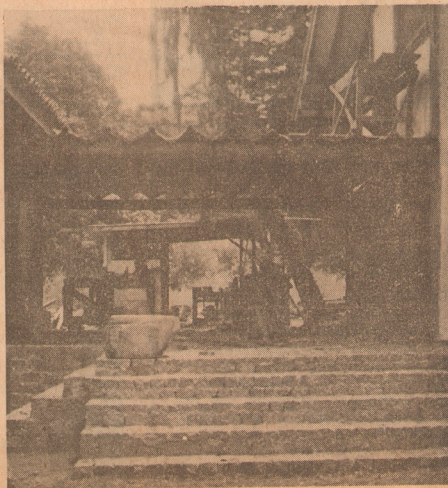


O escultor Sérgio de Camargo em seu sítio de Jacarepaguá. "Lugar ideal para mim e meu trabalho".

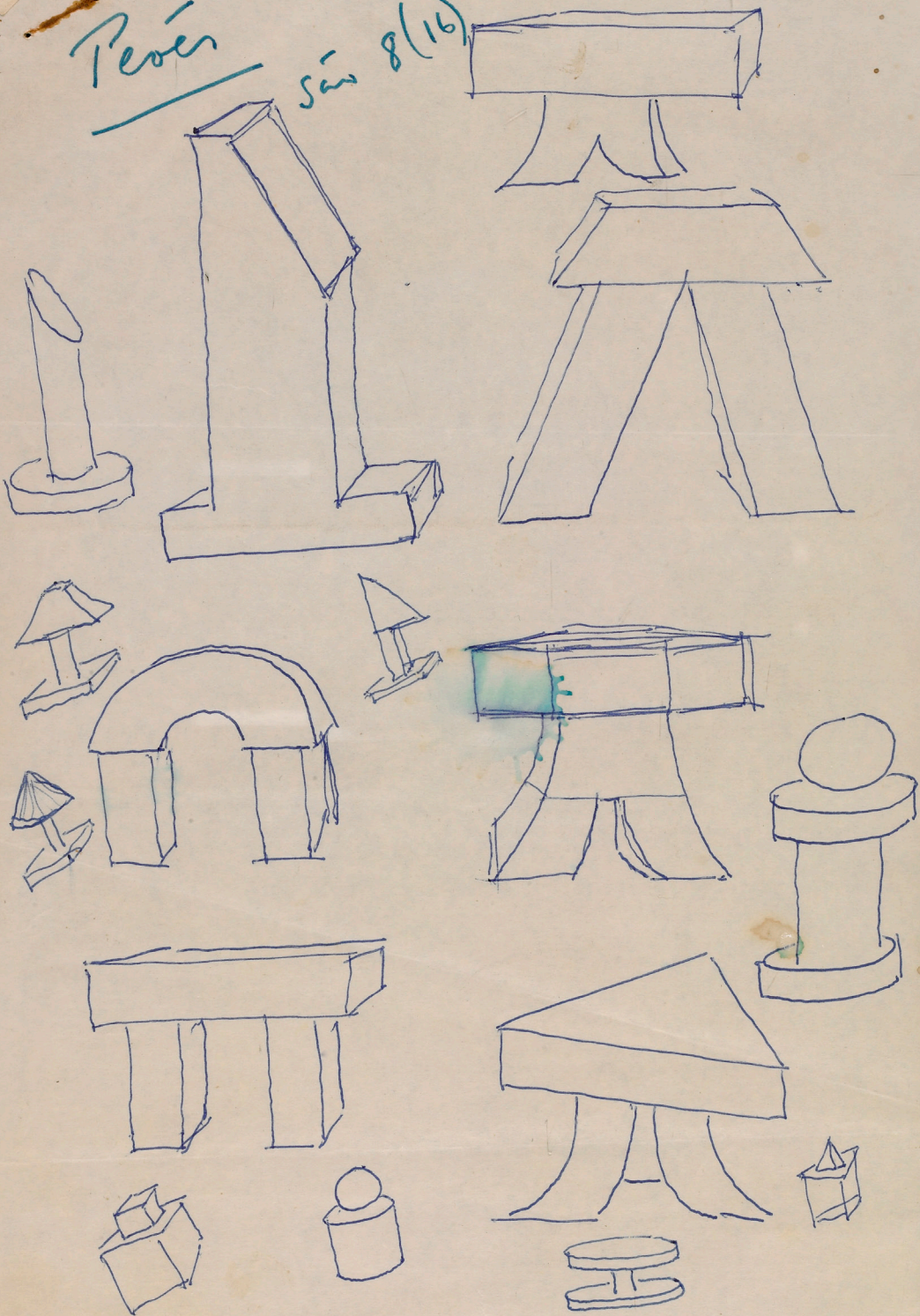


É nas chácaras de Jacarepaguá que se encontra a maior diversidade de plantas ornamentais da cidade.

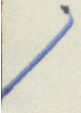
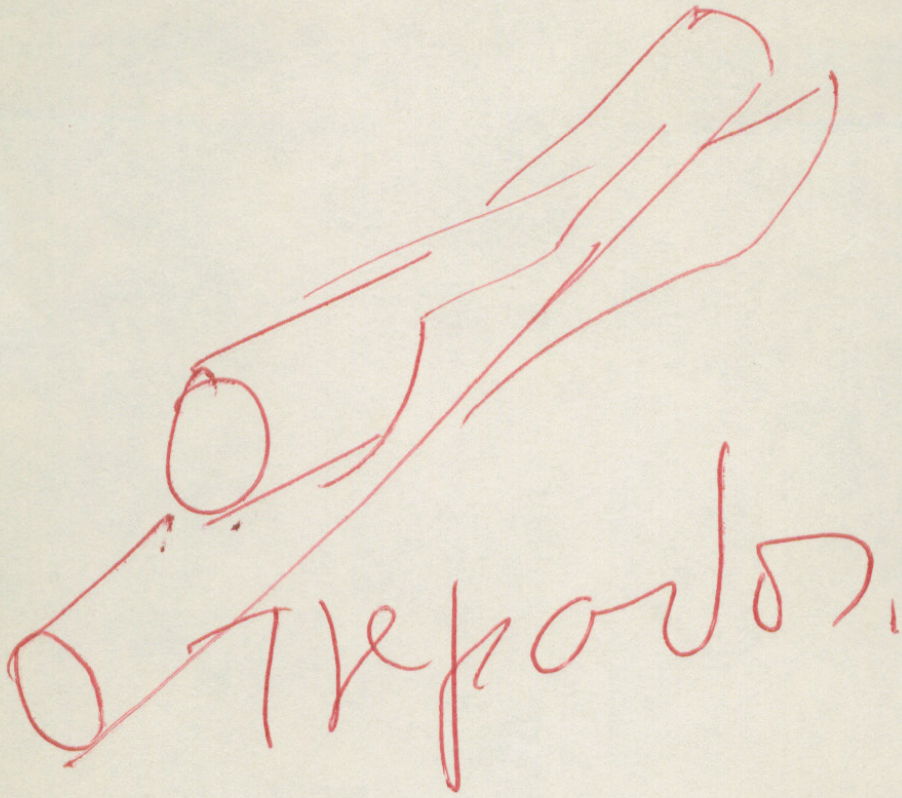
O verde de Jacarepaguá não é lenda: estão aí as chácaras que abastecem os jardins do Rio. Na pág. 4, além da história dessas chácaras, o escultor Sérgio de Camargo que, depois de 14 anos de Paris, escolheu Jacarepaguá e seu verde como moradia.



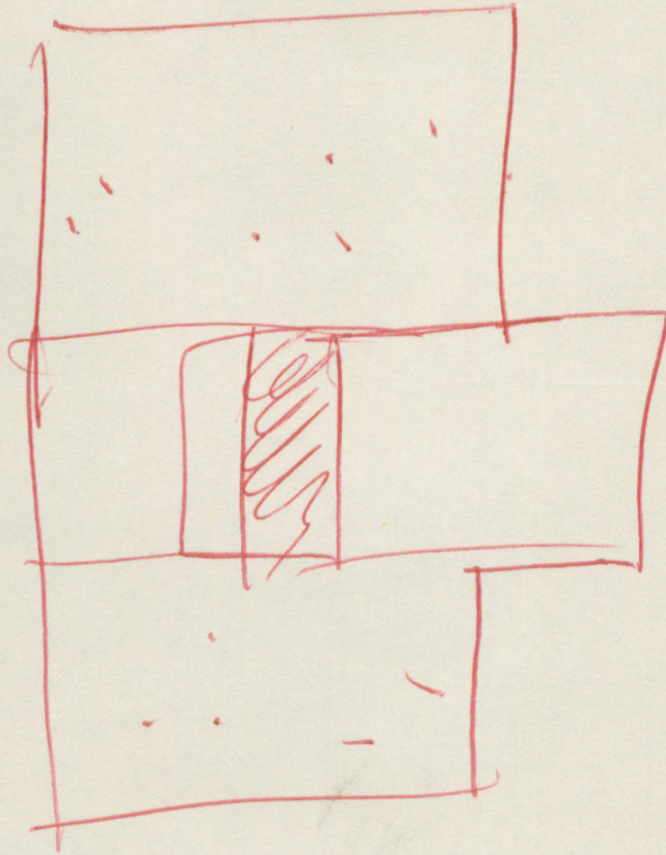
Peças sem 8(16)



36



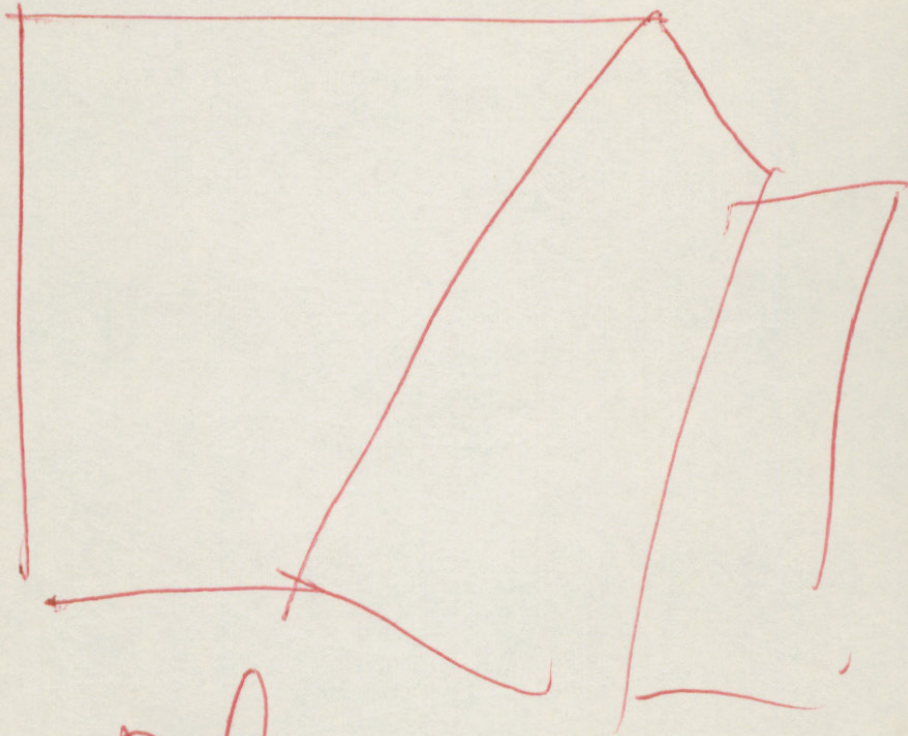
13



Caixa

ser - 25/55

32



Conrad

